

Perfect for
fans of Leigh
Bardugo and
Sarah J. Maas

TO KILL A KINGDOM

A princess must have her prince.

ALEXANDRA CHRISTO

TO
KILL A
KINGDOM

ALEXANDRA CHRISTO

HOT
KEY
BOOKS

The logo for Hot Key Books features a stylized key with a sunburst or starburst pattern at its top end, positioned to the right of the text.

1. Lira
2. Lira
3. Elian
4. Elian
5. Lira
6. Elian
7. Elian
8. Lira
9. Elian
10. Lira
11. Elian
12. Elian
13. Lira
14. Elian
15. Lira
16. Lira
17. Elian
18. Lira
19. Lira
20. Elian
21. Elian
22. Lira
23. Elian
24. Lira
25. Lira
26. Elian
27. Lira
28. Lira

29. Elian
30. Lira
31. Elian
32. Lira
33. Elian
34. Lira
35. Lira
36. Elian
37. Lira
38. Elian
39. Elian
40. Lira
41. Lira
42. Lira
43. Elian

Tradução por: Whitethornteca: Drive e Traduções.
Siga nosso Twitter: @whitethornteca

Para aqueles que eu amo, que nunca teve a chance de ver isso acontecer



1

Lira

EU TENHO UM CORAÇÃO para cada ano de vida.

Há dezessete escondidos na areia do meu quarto. De vez em quando, eu pego através da telha, só para verificar se eles ainda estão lá. Bem enterrado e sangrento. Eu conto cada um deles, para ter certeza de que nenhum foi roubado durante a noite. Não é um medo tão estranho de se ter. Corações são poder, e se há uma coisa que minha raça anseia mais que o oceano, é poder.

Eu ouvi coisas: contos de corações perdidos e mulheres arpoadas grampeadas no leito do oceano como punição por sua traição. Deixadas para sofrer até que seu sangue se torne sal e se dissolva em espuma do mar. Estas são as mulheres que recebem a recompensa humana de seus parentes. Sereias mais peixe do que carne, com uma parte superior do corpo para combinar com as escamas decadentes de suas barbatanas.

Ao contrário das sirenas, as sereias esticam as cascas e membros azuis no lugar do cabelo, com uma mandíbula que deixa a boca esticar até o tamanho

de pequenos barcos e engolir tubarões inteiros. Sua carne azul-escura é pontilhada de barbatanas que se espalham por seus braços e espinhos. Ambos, peixe e humano, com a beleza de nenhum dos dois.

Elas têm a capacidade de ser mortal, como todos os monstros, mas enquanto as sirenas seduzem e matam, as sereias permanecem fascinadas pelos humanos. Elas roubam bugigangas e seguem navios na esperança de que o tesouro caia do convés. Às vezes elas salvam a vida dos marinheiros e não recebem nada além de encantos em troca. E quando elas roubam os corações que nós mantemos, não é pelo poder. É porque elas acham que, se comerem o suficiente, podem se tornar humanos.

Eu odeio sereias.

Meu cabelo cai nas minhas costas, tão vermelho quanto meu olho esquerdo – e só meu esquerdo, é claro, porque o olho direito de cada sirena é a cor do mar em que nasceram. O meu, é do grande mar de Diábolos, com águas de maçã e safira. Um pouco de cada, então acaba sendo nenhum dos dois. Nesse oceano está o reino marinho de Keto.

É um fato bem conhecido que as sirenas são lindas, mas a linhagem de Keto é real e com isso vem sua própria beleza. Uma magnificência forjada em água salgada e privilégio real. Temos cílios nascidos de lascas de iceberg e lábios pintados com sangue de marinheiros. É uma maravilha que precisamos da nossa música para roubar corações.

— Qual você vai tomar, prima? — Kahlia pergunta em *Psáriin*.

Ela se senta ao meu lado na rocha e olha para o navio à distância. Suas escamas são profundas e seu cabelo loiro mal chega aos seios, cobertos por uma trança de algas alaranjadas.

— Você é ridícula — digo a ela. — Você sabe qual.

O navio segue preguiçosamente as águas calmas de Adékaros, um dos muitos reinos humanos que prometi livrar de um príncipe. É menor que a maioria e é feito de madeira escarlata que representa as cores do país.

Os humanos gostam de exhibir seus tesouros para o mundo, mas isso só os torna alvos de criaturas como Kahlia e eu, que podem facilmente identificar um navio real. Afinal, é o único da frota com a bandeira da madeira pintada e do tigre. O único navio em que o príncipe Adékarosin navega.

Presença fácil para aqueles com vontade de caçar.

O sol pesa nas minhas costas. Seu calor pressiona contra o meu pescoço e faz meu cabelo grudar na minha pele molhada. Eu sofro pelo gelo do mar, tão

afiado de frio que parece facas gloriosas nas fendas entre meus ossos.

— É uma pena — diz Kahlia. — Quando eu estava espionando ele, era como olhar para um anjo. Ele tem um rosto tão bonito.

— O coração dele será mais bonito.

Kahlia abre um sorriso selvagem.

— Faz um tempo desde sua última morte, Lira — ela brinca. — Tem certeza de que não está sem prática?

— Um ano dificilmente é um tempo.

— Depende de quem está contando — suspiro.

— Então me diga quem é para que eu possa matá-lo e acabar com essa conversa.

O sorriso de Kahlia é descrente. O tipo reservado para os momentos em que estou mais apavorada, porque esse é o traço que as sirenas devem valorizar mais. Nosso horror é estimado. Amizade e irmandade são ensinados a serem estranhos. Nossa lealdade é reservada apenas para a rainha do mar.

— Você está um pouco sem coração hoje, não é?

— Nunca — digo. — Há dezessete debaixo da minha cama.

Kahlia sacode a água do cabelo dela.

— Você provou tantos príncipes.

Ela acha que isso é algo de que se orgulhar, mas é porque Kahlia é jovem e pegou apenas dois corações. Nenhum deles da realeza. Essa é minha especialidade, meu território. Um pouco da reverência de Kahlia é por isso. A maravilha de saber se os lábios de um príncipe têm um gosto diferente dos de qualquer outro humano. Eu não posso dizer, porque os príncipes são tudo que já provei.

Desde que nossa deusa, Keto, foi morta pelos humanos, tornou-se costume roubar um coração a cada ano, no mês de nosso nascimento. É uma celebração da vida que Keto nos deu e um tributo de vingança pela vida que os humanos tiraram dela. Quando eu era jovem demais para caçar, minha mãe fez isso por mim, como é a tradição. E ela sempre me dava príncipes. Alguns tão jovens quanto eu era. Outros velhos e franzidos, ou filhos do meio que nunca tiveram a chance de governar. O rei da Armonia, por exemplo, já teve seis filhos e, nos meus primeiros aniversários, minha mãe me trouxe um por ano.

Quando eu tinha idade suficiente para me aventurar por conta própria, não me ocorreu esquecer a realeza e alvos de marinheiros como o resto da minha

espécie, ou até mesmo caçar os príncipes que um dia assumiriam seus tronos. Eu não sou nada senão uma fiel seguidora das tradições da minha mãe.

— Você trouxe sua concha? — Pergunto.

Kahlia retira o cabelo do caminho para mostrar a concha laranja em volta do pescoço. Uma parecida com a minha, apenas alguns tons mais sangrentos do que a da minha garganta. Não parece muito, mas é a maneira mais fácil de nos comunicarmos. Se as segurarmos em nossos ouvidos, podemos ouvir o som do oceano e a música do palácio subaquático do Keto que chamamos de lar. Para Kahlia, pode funcionar como um mapa para o mar de Diábolos se estivermos separadas. Estamos muito longe do nosso reino e levou quase uma semana para nadarmos até aqui. Como Kahlia tem quatorze anos, ela tende a ficar perto do palácio, mas eu era quem decidia que deveria mudar, e como princesa, meus caprichos são tão bons quanto a lei.

— Nós não vamos nos separar — Kahlia diz.

Normalmente, eu não me importaria se um dos meus primos estivesse preso em um oceano estrangeiro. Como um todo, eles são um bando tedioso e previsível, com pouca ambição ou imaginação. Desde que minha tia morreu, eles se tornaram nada mais do que adoradores lacaios para minha mãe. O que é ridículo, porque a Rainha do Mar não está lá para ser adorada. Ela está aí para ser temida.

— Lembre-se de escolher apenas um — instruo. — Não perca seu foco.

Kahlia acena com a cabeça.

— Qual deles? — ela pergunta. — Ou vai cantar para mim quando eu estiver lá?

— Nós seremos as únicas cantando — digo. — Vai encantar todos eles, mas se você se concentrar em um deles, eles vão se apaixonar por você com tanta determinação que mesmo quando se afogarem, eles não gritaram nada além de sua beleza.

— Normalmente, o encantamento é quebrado quando eles começam a morrer — Kahlia diz.

— Porque você se concentra em todos eles e, no fundo, eles sabem que nenhum deles é o desejo do seu coração. O truque é querer tanto quanto eles te querem.

— Mas eles são nojentos — diz Kahlia, embora não pareça que ela acredita tanto quanto quer que eu pense que ela acredita— Como podemos esperar que os desejemos.

— Porque você não está lidando com marinheiros agora. Você está lidando com a realeza e com a realeza vem o poder. O poder é *sempre* desejável.

— Realeza? — Kahlia fica de boca aberta. — Eu pensei...

Ela se afasta. O que ela achava era que os príncipes eram meus e eu não compartilhava. Isso não é falso, mas onde há príncipes, há reis e rainhas, e eu nunca tive muita utilidade para nenhum deles. Os governantes são facilmente descartados. São os príncipes que detêm o fascínio. Na sua juventude. Na fidelidade de seu povo. Na promessa do líder que eles poderiam se tornar um dia. Eles são a próxima geração de governantes e, matando-os, eu mato o futuro. Assim como minha mãe me ensinou.

Eu pego a mão de Kahlia.

— Você pode ter a rainha. Eu não tenho interesse no passado.

Os olhos de Kahlia estão acesos. Seu olho direito tem a mesma safira do Mar Diábolos que conheço bem, mas o esquerdo tem um amarelo cremoso que mal se destaca do branco, que brilha com uma alegria rara. Se ela roubar um coração real para seu décimo quinto aniversário, isso certamente lhe valerá clemência da raiva perpétua de minha mãe.

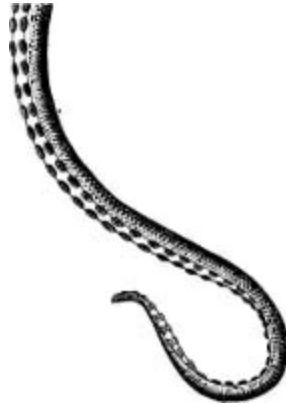
— E você vai levar o príncipe — diz Kahlia. — Aquele com o rosto bonito.

— O rosto dele não faz diferença — solto sua mão. — É o coração dele que vou pegar no fim.

— Tantos corações — sua voz é angelical. — Logo você ficará sem espaço para enterrar todos eles.

Lambo meus lábios.

— Talvez — digo. — Mas uma princesa deve ter seu príncipe.



2

Lira

O NAVIO ESTÁ ÁSPERO sob as lombadas dos meus dedos. A madeira está lascada, a tinta rachando e descascando o corpo. Corta a água de uma maneira que é muito irregular. Como uma faca sem corte, pressionando e rasgando até cortar. Há podridão em alguns lugares e o mau cheiro faz meu nariz enrugar.

É o navio de um pobre príncipe.

Nem todos os membros da realeza são iguais. Alguns são decorados com roupas finas, jóias insuportavelmente pesadas, tão grandes que se afogam duas vezes mais rápido. Outros estão escassamente vestidos, com apenas um ou dois anéis e coroas de bronze pintadas de ouro. Não que isso seja importante para mim. Um príncipe é um príncipe, afinal.

Kahlia fica ao meu lado e nós nadamos com o navio enquanto ele rasga o mar. Está em velocidade constante e conseguimos acompanhar facilmente. Esta é a agonizante espera, enquanto os humanos se tornam presas. Algum

tempo se passa antes que o príncipe finalmente pise no convés e olhe para o oceano. Ele não pode nos ver. Estamos muito perto e nadamos rápido demais. Através do rastro do navio, Kahlia olha para mim e seus olhos fazem a pergunta. Com um sorriso tão bom quanto qualquer aceno de cabeça, retorno seu olhar.

Nós emergimos da espuma e separamos nossos lábios.

Cantamos em uníssono perfeito na língua de Midas, a língua humana mais comum e que uma sirena conhece bem. Não que as palavras importam. É a música que os seduz. Nossas vozes ecoam no céu e rolam de volta pelo vento. Nós cantamos como se houvesse um coro inteiro de nós, e enquanto a assombrosa melodia ricocheteia e sobe, se transforma no coração da tripulação até que finalmente o navio desacelera até parar.

— Você ouve, mãe? — Pergunta o príncipe. Sua voz é alta e sonhadora.

A rainha está ao lado dele no convés.

— Eu não acho...

Sua voz vacila quando a melodia a submete. É um comando, e todo ser humano para, corpos congelados enquanto seus olhos vasculham os mares. Eu fixei meu foco no príncipe e canto mais suavemente. Em instantes, seus olhos caem para os meus.

— Deuses — ele diz. — É você.

Ele sorri e desliza uma única lágrima do seu olho esquerdo.

Eu paro de cantar e minha voz se transforma em um zumbido suave.

— Meu amor — O príncipe diz. — Finalmente encontrei você.

Ele agarra as bordas e espia, o peito contra a madeira, estendendo a mão para me tocar. Ele está vestido com uma camisa bege, as cordas soltas no peito, mangas rasgadas e levemente mordidas. Sua coroa é de uma fina folha de ouro que parece que poderia quebrar se ele se mover muito rapidamente. Ele parece desolado e pobre.

Mas então olho para seu rosto.

Macio e redondo, com pele envernizada como madeira e olhos com um tom penetrante mais escuro. Seus cabelos balançam e enrolam firmemente em sua cabeça, uma bela confusão de loops e espirais. Kahlia estava certo; ele é angelical. Magnífico mesmo. Seu coração fará um bom troféu.

— Você é tão bonita — diz a rainha, olhando para Kahlia com reverência.
— Não sei como nunca pensei nisso.

O sorriso de Kahlia é primordial quando ela alcança a rainha, chamando-a

para o oceano.

Eu volto para o príncipe, que está freneticamente estendendo a mão para mim.

— Meu amor — ele implora. — Venha a bordo.

Balancei minha cabeça e continuei a cantarolar. O vento geme com a canção de ninar da minha voz.

— Então vou até você! — ele grita, como se fosse uma escolha.

Com um sorriso alegre, ele se joga no oceano, e com o esguicho de seu corpo, vem um segundo, que eu sei ser a rainha, jogando-se à mercê da minha prima. Os sons de suas quedas despertam algo na tripulação e, num instante, estão gritando.

Eles se inclinam sobre a borda do navio, uns cinquenta agarrados a cordas e à madeira, observando o espetáculo abaixo com horror. Mas ninguém ousa atirar-se ao mar para salvar seus soberanos. Eu posso sentir o medo deles, misturado com a confusão que vem da súbita ausência da nossa música.

Encontro os olhos do meu príncipe e acaricio sua pele macia e angelical. Delicadamente, com uma mão na bochecha e outra descansando nos ossos finos do ombro, eu o beijo. E enquanto meus lábios provam os dele, eu o puxo para baixo.

O beijo se quebra uma vez que estamos longe o suficiente. Minha música já acabou há muito tempo, mas o príncipe continua apaixonado. Mesmo quando a água enche seus pulmões e sua boca se abre em um suspiro, ele mantém seus olhos em mim com um olhar glorioso de paixão.

Enquanto se afoga, ele toca seus dedos nos lábios.

Ao meu lado, a rainha de Kahlia se debate. Ela agarra sua garganta e afasta minha prima. Irritada, Kahlia se agarra ao tornozelo e a mantém profundamente abaixo da superfície, o rosto da rainha zombando enquanto ela tenta escapar. É inútil. O encanto de uma siren é um vício.

Eu acaricio meu príncipe morrendo. Meu aniversário não é até duas semanas. Esta viagem foi um presente para Kahlia: para segurar o coração da realeza em suas mãos e nomeá-la em décimo quinto aniversário. Só preciso roubar um coração daqui a uma quinzena, então estou quebrando nossa regra mais sagrada. No entanto, há um príncipe morrendo lentamente na minha frente. Pele marrom e lábios azuis com o oceano. Cabelo correndo atrás dele como algas negras. Algo sobre sua pureza me faz lembrar da minha primeira

morte. O menino que ajudou minha mãe me transformou na fera que sou agora.

Um rosto tão bonito, Penso.

Corro o polegar sobre o lábio do pobre príncipe, saboreando sua expressão pacífica. E então solto um grito como nenhum outro. O tipo de barulho que mata ossos e garras na pele. Um barulho para deixar minha mãe orgulhosa.

Em um movimento, eu mergulho meu punho no peito do príncipe e tiro seu coração.

3

Eliau

TECNICAMENTE, EU SOU UM ASSASSINO, mas gosto de pensar que essa é uma das minhas melhores qualidades.

Eu levanto minha faca para a lua, admirando o esmalte de sangue antes que ele se infiltre no aço e desapareça. Foi feito para mim quando fiz dezessete anos e ficou claro que matar não era mais apenas um hobby. Não era apropriado, disse o rei, príncipe Midasan carregar lâminas enferrujadas. E agora eu carrego uma lâmina mágica que bebe o sangue de sua matança tão rápido que mal tenho tempo para admirá-lo. O que é muito mais decente, aparentemente. Se não fosse um pouco teatral.

Eu penso na coisa morta no meu deck.

O *Saad* é um navio poderoso que se estende ao tamanho de dois navios cheios, com uma tripulação que poderia ter mais de quatrocentos, mas tenho exatamente a metade disso porque valorizo a lealdade acima de tudo. Lanternas pretas velhas adornam a popa e a proa se estende a frente em uma adaga penetrante. O *Saad* é muito mais que um navio: é uma arma. Pintado à um azul marinho da meia-noite, com velas do mesmo creme que a pele da rainha e um deck do mesmo polimento que o do rei.

Um deck que é atualmente o lar do cadáver ensanguentado de uma sirena.

— Não deveria derreter agora?

Esse é Kolton Torik, meu primeiro amigo. Torik está em seus quarenta e poucos anos, com um bigode branco puro e uns bons quatro centímetros de altura mais alto que eu. Cada um de seus braços é do tamanho de cada uma das minhas pernas, e ele é nada menos do que corpulento. Nos meses de verão como estes, ele usa shorts cortados, o tecido desgastado por seus

joelhos e uma camisa branca com um colete preto amarrado com uma fita vermelha. O que me diz que, de todas as coisas que ele leva a sério – o que, na verdade, é quase tudo –, seu papel quase como pirata provavelmente não é um deles. É uma contradição para tripulantes como Kye, que não leva absolutamente nada a sério e ainda se veste como um membro honorário dos infames ladrões Xaprár.

— Eu me sinto estranho apenas olhando para isso — diz Torik — Todo humano na parte de cima.

— Se diverte olhando para cima, não é?

Torik cora e vira sua atenção para longe dos seios expostos da sirena.

É claro que entendo o que ele quis dizer, mas em algum lugar ao longo dos mares esqueci como ficar horrorizado. Não há como olhar além das barbatanas e lábios vermelho-sangue, ou os olhos que brilham com duas cores diferentes. Homens como Torik - bons homens - veem o que essas criaturas poderiam ser: mulheres e meninas, mães e filhas. Mas eu só posso vê-las como são: monstros e bestas, criaturas e demônios.

Eu não sou um bom homem. Não acho que eu seja um há muito tempo.

À nossa frente, a pele da sereia começa a se dissolver. Seu cabelo derrete para o mar verde e suas escamas espumam. Até mesmo o sangue dela, apenas um momento antes de ameaçar manchar o convés do *Saad*, começa a ensaboar até que tudo o que resta é espuma do mar. E um minuto depois, isso também desaparece.

Sou grato por essa parte. Quando uma sirena morre, ela volta para o oceano, o que significa que não há queima de corpos impróprios. Nenhum despejo de cadáveres apodrecendo no mar. Posso não ser um bom homem, mas sou bom o suficiente para achar isso preferível.

— E agora, Cap?

Kye desliza a espada de volta ao lugar e se posiciona ao lado de Madrid, minha segunda companheira. Como de costume, Kye está todo vestido de preto, com couro e luvas de retalhos que terminam na ponta dos dedos. Seu cabelo castanho claro é raspado dos dois lados, como a maioria dos homens da Omorfíá, onde a estética é valorizada acima de tudo. Que, no caso de Kye, também inclui a moral. Felizmente para ele – e, talvez, para todos nós – Madrid é uma especialista em decência nas pessoas. Para uma assassina treinada, ela é estranhamente ética, e seu relacionamento conseguiu impedir Kye de escorregar até as pistas mais escorregadias.

Dou um sorriso para Kye. Eu gosto de ser chamado de Cap. Capitão. Qualquer coisa que não seja Meu Liege, Meu Príncipe, *Sua Alteza Real Sir Elian Midas*. Seja o que for que os devotos gostem de cuspir entre as constantes reverências. Cap me serve de uma maneira que meu título nunca fez. Eu sou muito mais pirata que príncipe, de qualquer forma.

Tudo começou quando eu tinha quinze anos e, nos últimos quatro anos, não conheço nada tão bem quanto conheço o oceano. Quando estou em Midas, meu corpo dói para dormir. Há um cansaço constante em agir como um príncipe, onde até as conversas com aqueles que estão na corte e que me parecem um deles se tornam cansativas demais para ficar acordado. Quando estou a bordo do *Saad*, mal durmo. Nunca pareço estar cansado o suficiente. Há uma vibração constante e pulsante. Choques como um raio que atiram em minhas veias. Estou sempre alerta e cheio de excitação ansiosa, tanto que, enquanto o resto da minha tripulação dorme, deito no convés e conto as estrelas.

Eu crio formas delas, e dessas formas eu crio histórias. De todos os lugares que eu fui e irei. De todos os mares e oceanos que eu ainda não visitei e os homens que ainda tenho que recrutar e os demônios que ainda tenho que matar. A emoção nunca para, mesmo quando os mares se tornam mortais. Mesmo quando ouço a canção familiar que atinge a minha alma e me faz acreditar no amor como se fosse a primeira vez. O perigo só me deixa mais sedento.

Como Elian Midas, príncipe herdeiro e herdeiro do trono de Midasan, fico mais do que um pouco aborrecido. Minhas conversas são sobre o estado ou as riquezas ou qual baile vou comparecer, ou qual senhora tem o vestido mais fino ou se há algum que acho que vale a pena uma farra. Toda vez que anoro em Midas e sou forçado a cumprir esse papel, parece que o tempo está perdido. Um mês, uma semana, um dia, não posso voltar. Uma oportunidade perdida ou uma vida não salva. Mais um da realeza que é como se eu tivesse entregado à Maldição dos Príncipes.

Mas quando sou apenas o Elian, capitão do *Saad*, me transformo. Quando o barco atraca na ilha escolhida para o dia, desde que eu tenha minha tripulação, posso ser eu mesmo. Bebo até que eu esteja tonto e faço piadas com mulheres cuja pele parece quente com aventuras. Mulheres que cheiram a rosa e cevada e, ao ouvirem que sou um príncipe, riem e dizem que isso não me dará uma bebida grátis.

— Cap? — Pergunta Kye. — Declare o jogo.

Subo os degraus até o convés da proa, puxo o telescópio de ouro do meu cinto e o pressiono para meus olhos de armação de kohl. Na borda da proa, vejo o oceano. Por milhas e milhas. Eras, até. Nada além de água limpa. Lambo meus lábios, famintos pela emoção de mais.

Há realeza em mim, mas mais do que isso há aventura. É indecente, meu pai disse, que o herdeiro Midasan tenha uma faca enferrujada, ou navegue em mar aberto e desapareça por meses, ou ainda tenha dezenove anos e ainda não tenha uma esposa adequada, ou use chapéus em forma de triângulos e farrapos com corda solta no lugar do fio de ouro.

Indecente, ser um pirata e caçador de sirena no lugar de um príncipe.

Eu suspiro e viro para encarar a proa. Tanto oceano, mas ao longe, longe demais para distinguir, há terra. Lá está a ilha de Midas. Lá está minha casa.

Olho para minha tripulação. Duzentos marinheiros e guerreiros que veem minha missão como ahonrosa e corajosa. Eles não pensam em mim como aqueles na corte, que ouvem meu nome e imaginam um jovem príncipe que precisa obter exploração de seu sistema. Esses homens e mulheres ouviram meu nome e prometeram sua lealdade eterna.

— Ok, seu grupo desordenado de moelas de sirena — ligo para eles. — Virem a moça para a esquerda.

Minha tripulação ruga sua aprovação. Em Midas, eu me certifico de que eles sejam mimados com o máximo de bebida e comida que quiserem. Barrigas cheias e camas com lençóis de seda. Muito mais luxo do que eles estão acostumados a dormir no *Saad*, ou nas camas cheias de feno das pousadas que encontramos nas terras que passam.

— Minha família vai querer ver como nos saímos — digo a eles. — Estamos indo para casa.

Um trovão de vibrações. Eles aplaudem em triunfo com o anúncio. Sorrio e decido manter a alegria no meu rosto. Eu não vou vacilar. É uma parte fundamental da minha imagem: nunca ficar chateado ou irritado ou desencorajado. Sempre responsável pela minha própria vida e destino.

O navio vira duramente, balançando em um amplo círculo enquanto minha tripulação corre ao redor do convés, ansiosa pelo retorno à Midas. Eles não são todos nativos; alguns são de reinos vizinhos como Armonía ou Adékaros. Países em que eles se cansaram, ou aqueles que foram jogados no caos após a morte de seus príncipes. Eles são de todos os lugares e suas casas não estão

em lugar algum, mas eles chamam Midas de casa porque eu chamo. Mesmo que seja mentira para eles e para mim. Minha tripulação é minha família e, embora eu nunca possa dizer isso – talvez, não precise dizer – o *Saad* é meu verdadeiro lar.

Para onde estamos indo agora é apenas outro pit stop.

4

Elían

EM MIDAS, O OCEANO reluz ouro. Pelo menos, essa é a ilusão. É azul como qualquer outro mar, mas a luz faz coisas. Coisas inexplicáveis. A luz pode mentir.

O castelo eleva-se acima da terra, construído na maior pirâmide. É trabalhada de ouro puro, de modo que cada pedra e tijolo é uma extensão reluzente de luz solar. As estátuas se espalham no horizonte, e as casas nas cidades mais baixas são todas pintadas da mesma forma. Ruas e pedras brilham em amarelo, de modo que quando o sol bate no oceano, reluz num reflexo inconfundível. É só durante as partes mais escuras da noite que o verdadeiro azul do Mar de Midasan pode ser visto.

Como o príncipe de Midasan, meu sangue deveria ser feito desse mesmo ouro. Cada terra nos cem reinos tem seus próprios mitos e fábulas para sua realeza: Os deuses esculpam a família Págos da neve e do gelo. Cada geração dotada de cabelos como leite e lábios azuis como o céu. As realezas de Eidýllion são os descendentes do Deus do Amor, e assim qualquer um que eles tocam encontrará sua alma gêmea. E os monarcas de Midasan são criados a partir do próprio ouro.

A lenda diz que minha família inteira não sangra nada além de tesouro. Claro, eu sangrei muito. Sirenas perdem toda a serenidade quando se transformam de caçadores para presas e pedaços de suas unhas se encaixam em meus braços. Meu sangue foi derramado mais frequentemente do que qualquer outro príncipe, e eu posso confirmar o fato de que nunca foi ouro.

Isso, minha tripulação sabe. Eles são os que limpam as minhas feridas e costuram a minha pele novamente. No entanto, eles entretêm a lenda, rindo e

acenando duvidosamente sempre que as pessoas falam de sangue dourado. Eles nunca trairiam o segredo da minha ordinariedade.

— É claro — Madrid dirá a qualquer um que perguntar. — O capitão é feito a partir das partes mais puras do sol. Vê-lo sangrar é como olhar nos olhos dos deuses.

Kye sempre irá inclinar-se e abaixar a voz do jeito que só alguém quem sabe todos os meus segredos poderia.

— Depois que uma mulher fica com ele, ela chora lágrimas de nada além que metal líquido por uma semana. Parte por sentir sua falta terrivelmente, e a outra parte para recomprar seu orgulho.

— Sim — Torik sempre crescente. — E ele também caga arco-íris.

Eu permaneço na proa do *Saad*, ancorado nas docas de Midasan. Estou inseguro com a idéia de ter meus pés em terra firme depois de tantas semanas. É sempre assim. Mais estranho ainda é pensar que vou precisar deixar as partes mais verdadeiras de mim mesmo no *Saad* antes de ir para a pirâmide e para minha família. Já faz quase um ano desde a última vez que voltei, e embora tenha sentido falta deles, não parece ter sido tempo suficiente.

Kye está ao meu lado. O resto da tripulação começou a caminhada, como um exército marchando para o palácio, mas ele raramente sai do meu lado a menos que seja solicitado. Contramestre, melhor amigo e guarda-costas. Ele nunca admitiria a última parte, embora meu pai tenha oferecido dinheiro suficiente para o cargo. Claro, na época, Kye já estava na minha tripulação por tempo suficiente para saber melhor do que tentar me salvar, e meu amigo por tempo suficiente para estar disposto a tentar de qualquer maneira.

Ainda sim, ele pegou o ouro. Ele pegou a maioria das coisas só porque podia. Veio com o território de ser filho de um diplomata. Se Kye fosse decepcionar seu pai juntando-se a mim em uma caçada de sirenas em vez de passar uma vida na política e nas negociações entre reinos, então ele não faria isso pela metade. Ele ia jogar tudo o que tinha nele. Afinal, a ameaça de deserção já havia sido executada.

Ao meu redor, tudo brilha. Edifícios e pavimentos e até as docas. No céu, centenas de minúsculas lanternas douradas flutuam até os céus, celebrando minha volta ao lar. O conselheiro do meu pai é da terra dos cartomantes e profetas, e ele sempre sabe quando estou prestes a voltar. Cada vez os céus dançam com lanternas flamejantes ao lado das estrelas.

Eu inalo o cheiro familiar da minha terra natal. Midas sempre parece cheirar a fruta. Tantos tipos diferentes de uma vez só. Manteiga de peras e pêsegos de pedra-mole, sua carne presa ao mel misturando-se com o doce de damascos. E sob tudo isso está o cheiro desbotado de alcaçuz, que vem do *Saad* e, muito provavelmente, de mim.

— Elian — Kye coloca um braço por cima do meu ombro. — Nós devemos ir se quisermos algo para comer hoje à noite. Você sabe que eles não nos deixarão nenhuma comida se dermos a eles metade da chance.

Eu rio, mas soa mais como um suspiro.

Eu tiro meu chapéu. Eu já mudei do meu traje de mar para a única roupa respeitável que eu guardo a bordo do meu navio. Uma camisa creme, com botões em vez de fios, e calças azuis seguradas por um cinto de ouro. Não é bem adequado para um príncipe, mas também não é nada do pirata. Eu até tirei o brasão da minha família da fina corrente em volta do meu pescoço e coloquei no meu polegar.

— Certo — eu engancho meu chapéu sobre a roda do navio. — Melhor acabar logo com isso.

— Não vai ser tão ruim — Kye engata o colarinho. — Você pode acabar gostando da reverência. Pode até mesmo abandonar o navio e deixar todos nós encalhados na terra do ouro. — Ele estende a mão e bagunça meu cabelo. — Não seria uma coisa tão ruim — diz ele. — Eu gosto muito de ouro.

— Um verdadeiro pirata — Eu o empurro sem entusiasmo. — Mas você pode tirar essa idéia da sua cabeça. Vamos ao palácio, vamos ao baile que sem dúvida vão fazer em minha homenagem e partimos antes que a semana acabe.

— Um baile? — As sobrancelhas de Kye se erguem. — Que honra, meu soberano. — Ele se inclina em um arco inclinado, com uma das mãos no estômago.

Eu o empurro de novo. Mais forte.

— Deuses — eu estremeço. — Por favor, não.

Mais uma vez ele se inclina, embora desta vez dificilmente consiga não rir.

— Como você desejar, Sua Alteza.

MINHA FAMÍLIA ESTÁ NA sala do trono. A câmara é decorada com bolas flutuantes de ouro, bandeiras impressas com o brasão Midasan e uma grande

mesa cheia de jóias e presentes. Presentes do povo para celebrar o retorno do seu príncipe.

Tendo abandonado Kye ao refeitório, observo minha família pela porta, ainda sem estar pronto para anunciar minha presença.

— Não é que eu não ache que ele mereça — diz minha irmã.

Amara tem dezesseis anos, com olhos de molokhia e cabelos negros como os meus e quase sempre polvilhados com ouro e pedras preciosas.

— É só que eu mal acho que ele vai querer — Amara levanta uma pulseira de ouro na forma de uma folha e apresenta ao rei e à rainha. — Sério. — ela argumenta. — Você consegue ver Elian usando isso? Estou fazendo um favor a ele.

— Roubar é um favor agora? — pergunta a rainha. As tranças de cada lado de sua franja balançam quando ela se vira para o marido. — Vamos enviá-la para Kléftes para viver com o resto dos ladrões?

— Eu não sonharia com isso — diz o rei. — Mande meu pequeno demônio para lá eles verão isso como um ato de guerra quando ela roubar o anel da crista.

— Bobagem — eu finalmente entro na sala. — Ela seria inteligente o suficiente para ir pela coroa primeiro.

— Elian!

Amara corre para mim e joga so braços em volta do meu pescoço. Devolvo o abraço e a levanto do chão, tão animado em vê-la como ela em me ver.

— Você está em casa! — ela diz, assim que a coloco de volta no chão.

Eu olho para ela com um falso insulto.

— Por cinco minutos e você já está planejando me roubar.

Amara me cutuca no estômago.

— Só um pouco.

Meu pai se levanta do trono e seus dentes brilham contra sua pele escura.

— Meu filho.

Ele me envolve em um abraço e bate nos meus ombros. Minha mãe desce os degraus para se juntar a nós. Ela é delicada, mal alcançando o ombro do meu pai e tem traços delicados e graciosos. Seu cabelo está cortado no queixo e seus olhos são verdes e felinos, revestidos de mechas negras que lambem suas têmporas.

O rei é o seu oposto em todos os sentidos. Grande e musculoso, com um cavanhaque amarrado com miçangas. Seus olhos são um marrom que

combinam com sua pele, e sua mandíbula é afiada e quadrada. Com Midas hierática decorando seu rosto, ele se parece com um guerreiro.

Minha mãe sorri. — Estávamos começando a nos preocupar que você tivesse nos esquecido.

— Só por um tempo. — Eu beijo sua bochecha. — Lembrei-me assim que entramos. Eu vi a pirâmide e pensei: *Oh, minha família mora lá. Eu me lembro dos seus rostos. Espero que eles comprem uma pulseira para comemorar o meu retorno.*— Eu atiro para Amara um sorriso e ela me cutuca novamente.

— Você já comeu? — Minha mãe pergunta. — Há uma festa no salão de banquetes. Eu acho que seus amigos estão lá agora.

Meu pai resmunga. — Sem dúvida nenhuma comendo tudo, menos nossos utensílios.

— Se você quer que eles comam os talheres, você deveria ter esculpido-os em queijo

— Sério, Elian — minha mãe bate no meu ombro e em seguida levanta a mão para tirar o cabelo da minha testa. — Você parece tão cansado. — diz ela.

Eu pego a mão dela e beijo.

— Estou bem. Isso é apenas o que dormir em um navio faz com um homem.

Na verdade, eu não acho que pareci cansado até o momento em que saí do *Saad* e pisei no cimento pintado de ouro de Midas. Apenas um passo e a vida drenada de mim.

— Você deveria tentar dormir em sua própria cama por mais de alguns dias por ano. — diz meu pai.

— Radames — minha mãe repreende. — Não comece.

— Estou falando com o garoto! Não há nada lá fora além do oceano.

— E sirenas — eu lembro a ele.

— Ha! — Sua risada é um berro. — E é seu trabalho procurá-las, é? Se você não tomar cuidado, vai nos deixar como Adékaros.

Eu franzo a testa.

— O que isso significa?

— Isso significa que sua irmã pode ter que assumir o trono.

— Nós não teremos que nos preocupar, então. — Eu coloco meu braço em torno de Amara. — Ela definitivamente faria uma rainha melhor que eu.

Amara reprime uma risada.

— Ela tem dezesseis anos — meu pai repreende. — Uma criança deve ter permissão para viver sua vida e não se preocupar com um reino inteiro.

— Ah — eu dobro meus braços. — Ela deveria, mas não eu.

— Você é o mais velho.

— Sêrio? — Eu finjo refletir sobre aquilo. — Mas eu tenho um brilho tão jovem.

Meu pai abre a boca para responder, mas minha mãe coloca uma mão gentil em seu ombro.

— Radames — ela diz — Eu acho que é melhor que Elian durma um pouco. O baile de amanhã fará com que seja um longo dia e ele realmente parece cansado.

Eu pressiono meus lábios em um sorriso apertado e me inclino em uma reverência.

— Claro — eu digo e me retiro.

Meu pai nunca entendeu a importância do que estou fazendo, mas cada vez que volto para casa, fico pensando que talvez, apenas uma vez, ele possa colocar seu amor por mim acima do amor por seu reino. Mas ele tem medo porque afetaria a coroa. Ele já passou muitos anos preparando o povo para me aceitar como seu futuro soberano para mudar as coisas agora.

— Elian! — Amara me chama.

Eu a ignoro, caminhando em passos longos e rápidos, sentindo a raiva borbulhar sob a minha pele. Sabendo que a única maneira de deixar meu pai orgulhoso seria desistir de tudo que sou.

— Elian — diz ela, com mais firmeza. — Não é muito princesa correr. Ou se for, então eu farei um decreto para que não seja, se eu for rainha.

Relutantemente, paro e encaro ela. Ela suspira aliviada e se inclina contra a parede esculpida em glifos. Ela tirou os sapatos, e sem eles ela é ainda mais baixa do que eu me lembro. Eu sorrio, e quando ela vê isso, ela franze a testa e bate no meu braço. Eu estremeço e estendo minha mão para a dela.

— Você o antagoniza — ela diz, pegando no meu braço.

— Ele me antagoniza primeiro.

— Você vai ser um bom diplomata com essas habilidades de debate.

Eu sacudo minha cabeça.

— Não se você tomar o trono.

— Pelo menos assim eu teria a pulseira — Ela me cutuca com o cotovelo.

— Como foi sua viagem? Quantas sirenas você abateu como o grande pirata que você é?

Ela diz isso com um sorriso, sabendo muito bem que eu nunca vou contar a ela sobre o meu tempo no *Saad*. Eu compartilho muitas coisas com minha irmã, mas nunca como é ser um assassino. Eu gosto da ideia de Amara me vendo como um herói, e os assassinos são tão frequentemente vistos como vilões.

— Quase nenhuma — eu digo. — Eu estava muito cheio de rum para pensar sobre isso.

— Você é um bom mentiroso — diz Amara. — E por bom, eu quero dizer horrível.

Nós paramos do lado de fora do quarto dela.

— E você é muito intrometida — digo a ela. — Essa é nova.

Amara ignora isso.

— Você vai ao salão de banquetes para ver seus amigos? — ela pergunta.

Eu sacudo minha cabeça. Os guardas garantirão que minha tripulação encontre boas camas para a noite e eu estou cansado demais para engessar outra rodada de sorrisos.

— Eu vou para a cama — digo a ela. — Como a rainha ordenou.

Amara balança a cabeça, se empoleira na ponta dos pés e beija minha bochecha.

— Te vejo amanhã então — diz ela. — E eu posso perguntar a Kye sobre suas façanhas. Eu não imagino que um diplomata mentiria para uma princesa. — Com um sorriso brincalhão, ela se vira para o quarto e fecha a porta atrás dela.

Eu paro por um momento.

Eu não gosto muito da ideia da minha irmã trocar histórias com minha tripulação, mas pelo menos eu posso confiar em Kye para contar suas histórias com menos morte e sangue. Ele é inconstante, mas não é estúpido. Ele sabe que eu não me comporto do jeito que um príncipe deveria mais do que ele se comporta como o filho de um diplomata deveria. É o meu maior segredo. As pessoas me conhecem como o caçador de sirenas, e os que estão na corte pronunciam essas palavras com diversão e carinho: *Oh, o Príncipe Elian, tentando salvar a todos nós*. Se eles entendessem o que é preciso, os gritos terríveis e repugnantes que as sirenas fazem. Se eles vissem os cadáveres das mulheres no meu convés antes de se dissolverem na espuma do

mar, então meu povo não me olharia tão carinhosamente. Eu não seria mais um príncipe para eles, e por mais que eu deseje tais coisas, eu sei melhor.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "To Kill a Kingdom"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).